

## **HOSPITALIDADE E COUCHSURFING: POR ONDE SURFAM ANFITRIÕES E HÓSPEDES?**

Hospitality and Couchsurfing: Where Hosts and Guests “Surf”?

**GABRIEL GODOI DA SILVA<sup>1</sup>, LUCIANE TODESCHINI FERREIRA<sup>2</sup> & OLGA ARAÚJO PERAZZOLO<sup>3</sup>**

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p469>

### **RESUMO**

Este trabalho ensaia reflexões sobre o fenômeno da hospitalidade, a partir das dinâmicas do couchsurfing [CS]. Por suas características, coaduna-se com a constituição de uma nova ordem social, na qual a hospitalidade assume centralidade. Porém, a hospitalidade que é marcada na missão e princípios da rede nem sempre é aquela que se concretiza nas relações, isso porque ainda se está longe da hospitalidade incondicional proposta por Derrida (2003). O outro que se apresenta na relação não é tão estranho, já que os anfitriões podem, no perfil, utilizar filtros para selecionar os seus hóspedes. Observam-se deslizamentos na rede, já que os embaixadores, reconhecidos como representantes dos princípios e missão da rede, nem sempre são movidos pela abertura ao outro que adentra no seu espaço, pelo contrário, alguns manifestam demandas intrínsecas, o que promove um acolhimento de natureza mais instrumental e menos dinâmico-relacional, como seria esperado para uma rede que se propõe a promover conexão entre as pessoas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Turismo; Hospitalidade; Couchsurfing.

### **ABSTRACT**

This paper makes reflections on the phenomenon of hospitality, from the dynamics of Couchsurfing (CS). Due to its characteristics, it is consistent with the constitution of a new social order, in which hospitality assumes centrality. However, the hospitality that is marked in the mission and principles of the network is not always the one that materializes in relationships, because it is still far from the unconditional hospitality proposed by Derrida (2003). The other that is presented in the list is not so strange, since the hosts can, in the profile, use filters to select their guests. Slippages are observed in the network, since the ambassadors, recognized as representatives of the network's principles and mission, are not always driven by openness to the other who enters their space, on the contrary, some intrinsic demands manifest, which

---

<sup>1</sup> **Gabriel Godoi da Silva** – Mestre. Diretor do Departamento de Turismo de Itapoá, Itapoá, Santa Catarina, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6238009393121609> E-mail: [godoigabriel18@gmail.com](mailto:godoigabriel18@gmail.com)

<sup>2</sup> **Luciane Todeschini Ferreira** – Doutora. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1830986077334296> E-mail: [ltferrei@ucs.br](mailto:ltferrei@ucs.br)

<sup>3</sup> **Olga Araújo Perazzolo** – Mestra. Professora na Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2036396343653638> E-mail: [oaperazz@ucs.br](mailto:oaperazz@ucs.br)

promote a more instrumental and less dynamic - relational - welcoming character, as one would expect from a network that proposes to promote connection between people.

#### **KEYWORDS**

Tourism; Hospitality; Couchsurfing.

#### **INTRODUÇÃO**

Hospitalidade? Hospitalidades? Hostilidade? Hostilidades? Ao trazer o termo <hospitalidade> à memória, faz-se uma remissão, quase automática, à ideia de ‘receber bem alguém’. Mas o que significa receber bem? E quem é esse ‘alguém’? E quem é aquele que recebe? A hospitalidade, como o seu próprio mito enseja, encontra-se no cerne das relações: Filémon e Baucis dedicam suas vidas ao cuidado para com o outro, oferecendo-lhe abrigo, alimento, água e igualmente uma atitude de escuta. Como não dizer que é a abertura para o outro que possibilita o crescimento sógnico? Sem aprendizagens, sem adentrar no espaço do outro, sem despir-se de certezas prévias, sem interações/relações, sem aprendizagens, quem somos nós? E, mais ainda, quem somos nós no mundo?

Vivemos em uma época de incertezas, do vazio (Lipovetsky, 2005), das relações líquidas (Bauman, 2003) e questões como as referidas não são passíveis de resposta unívoca, pois os vieses teóricos perspectivam para diferentes facetas de um mesmo fenômeno. Em se tratando de referências para a compreensão e análise da hospitalidade, na vertente filosófica, são muitos os pensadores que apontam para a necessidade de uma nova ordem de relações sociais e, nessa nova ordenação, a hospitalidade constitui-se o âmago das transformações. É um dos grandes temas da nossa época (Derrida, 2003).

Kant (1795/1989) estabelece o princípio da hospitalidade universal, já que todos têm igual direito de estarem em um determinado lugar, visto que a superfície da terra é de propriedade comum, ou seja, um direito de todos. Enlaça, portanto a hospitalidade a processos que asseguram os direitos humanos, embora também estabeleça os seus deveres; mas suas concepções ampliam a de cidadania, visto que reiteram a crença nas relações de igualdade e respeito entre todos, venham de onde vierem, sejam quem forem.

Lévinas (1980) concebe hospitalidade como abrigo ético, em que o outro é acolhido na sua alteridade. Nesse sentido, “confiança e hospitalidade são as duas faces da mesma moeda da incondicionalidade ética levinasiana” (Farias, 2021, p.25). Assim, torna-se imprescindível a

abertura para o outro, na sua alteridade. E é nessa condição que a hospitalidade é pensada, definida. Derrida (2003), por sua vez, apresenta a hospitalidade como desconstrução. Para esse filósofo, a hospitalidade é incondicional, na medida em que “digo sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado” (Derrida, 2003, p. 69). E, embora a lei incondicional da hospitalidade esteja acima de todas as outras leis, delas necessita, mais ainda, delas requer. Como aponta Derrida (2003), são dois regimes contraditórios, mas inseparáveis.

Esses fundamentos, advindos da Filosofia, amalgamados a reflexões possibilitadas igualmente pela Sociologia e pela Psicologia, possibilitam a compreensão da hospitalidade como um espaço relacional, um espaço ‘entre’, ou seja, que reflete sobre os sujeitos [individuais ou coletivos] em interações e assim em consequentes aprendizagens. Na dinâmica do acolhimento proposta por Perazzolo, Pereira e Santos (2013), os sujeitos acolhem e são acolhidos, havendo, portanto, um deslocamento dos papéis na relação acolhedor e acolhido. Quem acolhe, igualmente é acolhido, e o acolhido, igualmente, assume-se como acolhedor. Trata-se, pois, de processo relacional, entre sujeitos que, nas articulações psicossociais, acolhem-se mutuamente.

Sem a abertura para o outro, para o desconhecido, para o estrangeiro [que também em mim habita], não é possível tratar de acolhimento. É um processo dinâmico, em que os sujeitos, exatamente por abandonarem, mesmo que por alguns instantes, suas demandas autocentradas, podem estabelecer diálogos com esse outro. É nesse processo que as aprendizagens são construídas. Ora, para que o acolhimento ocorra, é necessário que um eu deseje saber do outro, saber quem é esse outro. É nesse desejo de conhecer o outro que se fundamenta a hospitalidade - e é no processo relacional, nesse encontro, que trocas são realizadas. “Sem a dinâmica - acolher e ser acolhido - seriam inviáveis as aprendizagens e a construção da humanidade dos homens” (Perazzolo, Ferreira, Santos & Zerger, 2016).

Para Baptista (2005), “somos chamados a um esforço de permanente aproximação do outro que, afinal, constitui a grande característica da condição humana” (p.14). Isso impõe, sem dúvida, abertura para esse outro que de nós se aproxima na condição de estranho/estrangeiro, outro na relação - é essa a condição para uma geografia de proximidade humana. De proximidades, de espaços relacionais, de hospitalidades e de movimentos de hospitalidade, é a

partir dessa abordagem que nos propomos refletir sobre uma rede social que se organizou, via internet, para conectar pessoas: o Couchsurfing (CS).

### **COUCHSURFING: CONTEXTUALIZAÇÃO**

Couchsurfing é uma rede social que agrupa hoje uma comunidade com mais de 14 milhões de usuários, em mais de 200.000 cidades. Em sua página oficial, apresenta-se como “um serviço que conecta membros a uma comunidade social de viajantes” (Couchsurfing, 2021). A origem dessa rede está associada a um então projeto de paixão dos fundadores Casey Fenton, Daniel Hoffer, Sebastian Le Tuan e Leonardo Bassani da Silveira. Um e-mail, solicitando hospedagem para um grupo de estudantes na Islândia, e a receptividade ao pedido feito, deu luz à ideia de que pessoas de qualquer lugar gostariam de compartilhar suas casas com estranhos, ou, com “amigos que você ainda não conheceu” (Couchsurfing, 2021).

Constitui-se uma rede intermediária para troca de dados e informações (Figueiredo, 2008) que possibilita hospedagens e encontros como proposta precípua; mas, na plataforma, o internauta ou membro poderá encontrar informações de outra natureza no blog, acessar loja do próprio couchsurfing e também informações sobre a própria rede social [visão, missão e princípios]. A rede constitui-se, portanto, em uma plataforma de comunicação entre surfers e também entre idealizadores e usuários. Dados pessoais, preferências, imagens, fotos, solicitações de hospedagens já feitas e atendidas, avaliações, comentários - tudo encontra-se armazenado.

Pela dinâmica, a de hospedagem gratuita, a de compartilhar experiências, a de receber um desconhecido e a de fazer amigos, o CS passou a ser exemplificativo da economia compartilhada que é, segundo Schwartz (2020), fruto das tecnologias disruptivas: “Eclode, assim, um novo sistema econômico, mais aberto e cooperativo, onde a confiança ganha posição central nas relações humanas” (p.22). Porém, há de se ressaltar que mudanças na rede ocorreram em diferentes momentos. Conforme informações disponibilizadas na própria página, o CS, que surgiu inicialmente como uma plataforma gratuita, promoveu modificações e, em 2011, instituiu uma taxa anual de 18 euros, para arcar com a validação do perfil de usuários (Figueiredo, 2018), tornando-se uma corporação com fins lucrativos. Em 2020, instituiu uma ‘contribuição’ “de \$2,39 por mês, ou \$14,29 por ano se pago antecipadamente, para manter o Couchsurfing vivo. Esta contribuição de membro é necessária para acessar o site Couchsurfing e aplicativos móveis” (Couchsurfing, 2021).

## HOSPITALIDADE E COUCHSURFING: SURFANDO PELA ORIGEM, MISSÃO E PRINCÍPIOS

Que aproximações podem ser realizadas entre hospitalidade e a missão e princípios do Couchsurfing? Apresentado como exemplo de economia compartilhada, aproximando-se do turismo cooperativo, o Couchsurfing ganha visibilidade como uma outra forma de se colocar no mundo, alinhando-se, portanto, a novas formas de ser no mundo. Mas há de se considerar que a linguagem marca o sujeito e o constitui (Bakhtin, 1986). Nesse sentido, há de se refletir sobre como o Couchsurfing é marcado, via linguagem, pela voz institucional, ou seja, como ele institui o seu ethos, entendido como a imagem que o sujeito apresenta de si via discurso. Segundo Amossy (2008), “deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si” (p. 9) e mais, essa apresentação se efetua “à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras” (p. 9). Reforçando a noção de ethos, Barthes (apud Maingueneau, 2008, p.13) sustenta que não importa se a construção imagética [discursiva] seja sincera ou não, o importante é que o outro nela acredite. Amossy (2008), inclusive, sustenta que “a construção discursiva do ethos se faz ao sabor de um verdadeiro jogo especular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público” (p.124). Eggs (2008) e Maingueneau (2008) destacam que o ethos pode não ser dito, mas sim é mostrado através da seleção de recursos estilísticos e linguísticos.

Em conformidade com informações disponibilizadas pela própria rede, o CS é conceituado como “uma **comunidade** global de 14 milhões de pessoas em mais de 200.000 cidades que compartilham suas vidas, seu mundo, sua jornada”; “principal *plataforma de viagens sociais* do mundo”; “**serviço** que conecta membros a uma comunidade global de viajantes” e “se converteu em uma **corporação** voltada para a missão e com fins lucrativos em 2011” (Couchsurfing, 2021, grifo dos autores).

Comunidade, corporação, plataforma de viagens sociais e serviço, são esses os termos designativos para conceituar CS. Há flutuação de significados expressos, em se tratando de perspectivá-los à luz da hospitalidade: comunidade aponta, inicialmente, para uma abertura para o outro, para um acolhimento, mesmo que, de acordo com a própria etimologia da palavra, do latim, <commūnītās>, refira-se à qualidade daquilo que é comum (Cunha, 2012). De acordo com o Dicionário on-line (2021), entre outras acepções do verbete, comunidade pode ser entendida como: “[Sociologia] Agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão

baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem”. Nesse sentido, há de se destacar que certos movimentos de acolhida se fazem presentes, para que esse agrupamento que se constitui em uma comunidade ocorra. Porém, não se trata de hospitalidade incondicional, visto haver marcas de interesses: as pessoas se unem a partir de interesses comuns. Em se tratando dos membros do CS, compartilham determinadas crenças, valores e formas de ver o mundo.

Já, quando perspectivado conceitualmente pelas palavras <serviço>, <corporação> e até <plataforma de viagem>, o CS aponta para a hospitalidade perspectivada pelo viés comercial [a corporação apresenta fins lucrativos). O que o CS oferece é um serviço, uma plataforma que possibilita o encontro entre as pessoas. Os usuários continuam não pagando pela hospedagem recebida nos deslocamentos de viagem - o surfe no sofá -, mas alterações na rede marcam a presença de uma hospitalidade comercial, em que um serviço é ofertado para os membros da comunidade, tanto que, em 2011, embora não fosse obrigatório, precisavam pagar para terem a verificação do seu perfil [o CS atestava a idoneidade das informações disponibilizadas]. Porém, a partir de 2020, em uma nova alteração, justificada pela pandemia Covid-19, os membros da rede precisam obrigatoriamente pagar uma taxa [embora o site apresente-a como contribuição], para acessar a própria plataforma e, conseqüentemente, seus dados já cadastrados.

Há, portanto, na própria conceituação e funcionamento da rede, duas perspectivas de hospitalidade que, de certa forma, estão entrelaçadas: ao mesmo tempo em que a rede busca promover a conexão entre as pessoas, para um mundo mais justo e diferente, ela, igualmente, necessitaria para sua manutenção [?], aporte financeiro. Poderíamos adentrar na discussão sobre o fato de ser uma necessidade ou ser um negócio, mas isso requer maior aprofundamento que, embora pertinente, não é aqui objeto de análise. Para este artigo, permaneçamos com a perspectiva de que a hospitalidade marcada no ethos institucional conduz para proposições já apresentadas por Kant (1795/1980), Lévinas (1980) e Derrida (2003), em especial junto aos seus usuários, aos membros do CS, já que muitos encontram, na missão e princípios elencados, ecos para suas próprias filosofias de vida.

A missão do CS expressa que: “Imaginamos um mundo melhorado pelas viagens e as viagens enriquecidas pela conexão. Os couchsurfers compartilham suas vidas com as pessoas que encontram, promovendo o intercâmbio cultural e o respeito mútuo” (Couchsurfing, 2021).

Registramos, inicialmente, a alteração lexical realizada em relação ao verbo que introduz a missão que passou de <prevemos> (Couchsurfing, 2019, apud Silva, 2019, p.32) para <imaginamos>' (Couchsurfing, 2021). Há diferença de sentidos expressa, já que o vocábulo <previsão> aponta para a “possibilidade de algo acontecer” ou para “uma noção antecipada”, enquanto que <imaginação> remete a “algo criativo, fantasioso” (Dicio, 2021). Ou seja, na missão institucional, essa mudança lexical concorre para uma atenuação de sentidos: de uma previsão para uma imaginação; nesse sentido, o primeiro termo, ainda que não apresente traços semânticos de certeza, melhor dela se aproxima; ao contrário de <imaginação> que, pela própria carga semântica, remete a um mundo fictício.

Logo, a essa possível identificação de um mundo melhor, exatamente porque enriquecido pelas conexões realizadas entre os sujeitos que viajam, que conhecem outros lugares, que interagem e, portanto, que aprendem, carrega-se semanticamente, na missão atual, uma marcação de sonho. Esse mundo é possível, mas parece estar mais distante com o emprego do verbo <imaginar>. Porém, para além dessas considerações, em se refletindo sobre hospitalidade, há de se considerar que a missão, ao trazer a proposta de compartilhamento, de conexão, faz coro à perspectiva apresentada por Perazzolo, Pereira e Santos (2013) que se referem à hospitalidade como dinâmica de acolhimento, como um espaço ‘entre’, em que ambos, anfitrião e hóspede, alteram os papéis, porque, na abertura possibilitada, aprendizagens ocorrem e ambos os polos dessa relação são modificados. Para as pesquisadoras:

A hospitalidade se expressa quando movimentos caracterizados por algum nível de troca marcam o encontro, instaurando uma dinâmica na qual o sujeito que primariamente acolhe, recebe, dentro de si, conteúdos que envolvem desejos, ideias, afetos do outro, os interpreta, traduz e os devolve tonalizados com os elementos de seu discurso, por meio de expressões verbais, gestuais, ou de comportamentos (Perazzolo, Pereira, & Santos, 2016, p.542).

Acrescidos à missão, a rede apresenta os princípios que a regem. Em tradução literal são eles: “Compartilhe sua vida; crie conexão; ofereça bondade; mantenha-se/fique curioso; deixe-o [o mundo] melhor do que o encontrou” (Couchsurfing, 2021). Os valores expressos pela rede remetem a movimentos de hospitalidade e acolhimento, entendidos como processos relacionais, em que os sujeitos são capazes de, ao estabelecerem trocas efervescentes, modificarem a si, ao outro e, conseqüentemente, transformarem o mundo. Levam à compreensão da paz perpétua, tal como defendida por Kant (1795/1989), já que o mundo é de

pertencimento coletivo. O mundo melhor, projetado pela rede, traz alguns valores que parecem caros ao acolhimento, enquanto outros podem ainda ser problematizados.

**Figura 1. Princípios da rede Couchsurfing.**



**Fonte:** Couchsurfing (2001).

Apresentemos uma das problematizações: no princípio 'ofereça gentileza', tem-se a proposição de sermos tolerantes. Mas o que implica a tolerância? É efetivamente uma abertura para o outro, esse estranho que a nós se apresenta? Tolerar representa que forma de hospitalidade? Se eu tolero o outro, eu o acolho? E mais, acolho-o de forma incondicional? Não nos parece que assim seja. A tolerância pode implicar respeito, mas não necessariamente acolhimento. Na tolerância, as diferenças existentes ainda ficam marcadas: não sou capaz de efetivamente escutar aquele outro que a mim se apresenta.

Talvez o receba, mas poderemos adjetivar esse outro como 'chato', como no relato de Marco: "Conhecer pessoas diferentes é realmente enriquecedor. Sim, alguns eram chatos, alguns normais, mas alguns também muito interessantes. Você consegue ver o mundo de todas as perspectivas" (27-4-21, Couchsurfing, 2021). Como caracterizar o 'chato'? Provavelmente como

aquele que pensa diferente de mim, que aja de forma diferente da minha, que seja diferente! O chato é aquele a quem tolero, não aquele a quem acolho, ainda que, no relato de Marco, possa haver aprendizagens, já que ele afirma que ao receber diferentes tipos de pessoas “Você consegue ver o mundo de todas as perspectivas” (Couchsurfing, 2021).

Porém, geralmente, nos depoimentos disponibilizados as aprendizagens são marcadas pelo estreitamento dos laços sociais: “decidi experimentar o couchsurfing [...] o melhor momento que já tive! Fiquei com mais de 30 anfitriões, pessoas e famílias de todos os tipos e origens diferentes... foi simplesmente uma explosão! (Kellu Mc Call, 1-10-01, Couchsurfing, 2021). Nessa fala, não é possível, pelo discurso apresentado, nomear quais as transformações ocorridas, mas é possível graduá-la: a experiência foi significativa, o que se marca no gradiente existente na palavra <explosão>. Pressupõe-se, portanto, que modificações foram geradas, e que o sujeito já não é mais o mesmo após o processo interativo: trocas ocorreram. Há ainda de se pensar o quanto a hospitalidade é incondicional, o que não parece:

‘Hospedando completos estranhos, você está louco?!?’ diriam meus amigos. ‘Não, só tenho fé nas pessoas’ ... e nada do que possuo vale mais do que conhecer muitas pessoas interessantes (ou chatas!) E suas histórias. Vamos ver o mundo de diferentes perspectivas! [...] Já faz três anos que comecei a conhecer pessoas no CS e nossas amizades duram porque temos essas coisas em comum, que fazemos graças ao site: o desejo de idiomas, de viajar, de experiências e outras coisas que descobrimos depois (Marco, 27-4-21, Couchsurfing, 2021).

O relato pormenorizado revela o quanto a convivência com os outros é enriquecedora, gera mudanças de comportamento, mas igualmente aponta para um desejo que é marcado por demandas intrínsecas [desejo de idiomas, de viajar, de experiências, ou seja, o *surfer* busca por algo nas relações proporcionadas pelo CS, mas o exemplo acima igualmente exemplifica o quanto um *surfer* pode estar aberto para o outro, o que caracteriza a demanda livre, já que nesse depoimento, o sujeito está aberto para o que acontecer durante o processo de interação: “e outras coisas que descobrimos depois”. Vale o questionamento: depois ou durante o próprio processo relacional, durante a dinâmica de hospitalidade, nesse espaço entre?

São apenas algumas reflexões possibilitadas pela análise da missão e dos princípios, não se extinguindo a possibilidade de outras leituras e aprofundamentos correlacionais entre esses princípios e aspectos teóricos da hospitalidade.

**HOSPITALIDADE E COUCHSURFING: SURFANDO POR (MAIS) PARADOXOS E CONTRADIÇÕES**

Como anteriormente referido, o Couchsurfing tem como base a rede de comunicação Internet – que é por onde os primeiros contatos são feitos. Um sujeito cadastra o seu perfil na plataforma, registrando seus dados pessoais, imagens e outras informações, habilitando-se para receber em sua casa, bem como para ser recebido por alguém. Nas informações disponibilizadas no perfil, o <couchsurfer> informa, no seu status, se está disponível ou não para receber visitantes – <accepting guest>, quando o usuário está aceitando hóspedes; <maybe accepting guest>, quando o usuário talvez aceite hóspedes; <not accepting guest>, quando o usuário não está aceitando hóspedes e <wants to meet up>, quando o usuário quer conhecer melhor o possível hóspede. Porém, nem sempre é abertura para o outro que fica melhor marcada, pois o índice de resposta para as solicitações de sofá, conforme relatos, é baixo, sendo que também já foram observados, dentre as justificativas para não receber: estou viajando, estou com parentes, recém ganhamos bebê.

A orientação é que o perfil seja preenchido da forma mais completa possível, pois é “a melhor maneira de conectar com pessoas, seja no evento semanal da sua cidade ou na hospedagem de um convidado” (Couchsurfing, 2021). Essas informações também conferem maior segurança aos usuários da rede. Porém, outro fator que pode ser considerado na escolha do <guest> ou do <host> são as referências/mensagens deixadas por pessoas que hospedaram ou foram hospedadas, já que essas avaliações são compartilhadas de forma pública e fazem referência às experiências e impressões sobre o acolhimento recebido, sejam esses apontamentos positivos ou não (Godoi, 2016).

Esse formato de avaliações e referências utilizado no site do CS não difere muito do modelo popularizado entre plataformas de turismo, compras e *streamings*, em geral, e que serve para oferecer confiabilidade e segurança aos usuários. Contudo, no contexto do CS, além da avaliação, são postadas fotos com comentários, que, em boa parte, relatam as experiências positivas. Ressalta-se, outrossim, que avaliações negativas podem gerar receio entre os usuários da rede, influenciando-os na escolha do hóspede ou do anfitrião. É possível observar no site que, para a procura e solicitação de hospedagem, ainda existe a possibilidade de aplicação de filtros, para notificar ao possível hóspede o que o anfitrião aceita, ou não em sua casa, sendo possível informar o número de pessoas que o anfitrião se dispõe a receber; se aceita ou recusa *surfers* com animais de estimação e/ou crianças; e se permite fumar. Além das restrições apresentadas

aos hóspedes, o anfitrião também disponibiliza informações sobre a sua casa, se possui filhos, animais de estimação, se fuma ou se a sua casa é acessível para deficientes físicos.

Neste sentido, tanto o anfitrião quanto o hóspede podem direcionar suas hospedagens a pessoas que, em suas concepções, seriam mais interessantes para estabelecerem uma relação, ou até mesmo para atenderem a alguma demanda pessoal, como aprofundamento ou aprendizagem de algum idioma, ou outra característica que por algum motivo lhes seja interessante. Eis mais uma contradição ou paradoxo: a aplicação de filtros, de certa forma, bloqueia, impede a entrada de alguns, ao mesmo tempo que permite a de outros. Os filtros, embora possam ser considerados necessários para maior segurança na seleção de hóspedes e anfitriões, igualmente funcionam como excludentes. E caberia novamente o questionamento: de que hospitalidade se trata, quando alguns não adentram o espaço? Que preconceitos ficam registrados nessas escolhas? Em nome da segurança, não posso estar sendo excludente? Mas, sob outra perspectiva, se não aplico filtros, não estarei me colocando em possível situação de risco? Posso incondicionalmente receber alguém, ou dirigir-me à casa de alguém sem ter qualquer conhecimento prévio sobre esse outro?

A missão e os princípios do CS responderiam que sim, que isso é possível, mas a própria dinâmica da plataforma responde que não. Tanto que há uma aba que se refere à questão de segurança e nela o conselho é a de que os *surfers* busquem informações: escolham perfis verificados, leiam avaliações, entrem em contato com o provável hóspede/anfitrião e conversem muito - tudo apoiado pela própria plataforma. Não há cobrança monetária pela hospedagem, mas há uma outra cobrança, nem tão sutil, que é feita na seleção do perfil daquele a quem recebo ou que me recebe. Assim, a ideia de que, em um clique, aceite alguém sem prévias informações, o que nos conduziria a um mundo ideal, para abertura para o outro, sem que haja quaisquer restrições, não parece ser prerrogativa de nosso tempo. Abertura assim configurada conduziria à liberdade incondicional proposta por Derrida (2003):

[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (promovido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiros, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome. A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito (p.25).

No Couchsurfing, portanto, não se trata desse tipo de hospitalidade, já que, como anteriormente referido, a hospitalidade aqui ofertada é aquela que, de certa forma, incorpora as características que interessam tanto ao anfitrião quanto ao hóspede. O estranho é alguém com quem já foi estabelecido contato, é alguém que já foi restringido pela seleção por mim feita previamente e ainda que pode ter sido selecionado a partir da leitura das avaliações que são disponibilizadas.

Com relação às demandas e motivações, faz-se interessante um panorama à luz de proposição teórica sobre disposição para o acolhimento expressa em Perazzolo, Ferreira e Santos (2016). As pesquisadoras sustentam que são três os tipos de demandas por parte dos sujeitos primariamente acolhidos: extrínseca, intrínseca e livre. E, a cada demanda, corresponde um padrão de hospitalidade. Em seus estudos, as autoras descrevem que, na demanda livre, o sujeito primariamente acolhido, que se desloca, apresenta como padrão de acolhimento o dinâmico-relacional, ou seja, está aberto para o outro e para a experiência, há disposição para o acolhimento e para a reciprocidade. Transpondo esse conceito [proposto inicialmente para pensar a relação entre demandas e turistas e respectivos padrões de acolhimento] para a relação entre membros do CS e suas demandas, pode-se aproximar a demanda livre e o próprio padrão relacional de acolhimento, aos discursos e textos institucionais [expressos na missão e nos princípios] que perspectivam as experiências vividas pelos membros da comunidade como aquelas pautadas em trocas, em compartilhamentos, em conexões e aprendizagens recíprocas.

Nos discursos, os usuários declaram ter vontade de conhecer pessoas, fazer amigos, estar em contato com o mundo e diferentes culturas, ou, nas avaliações, registram como o mais positivo da experiência exatamente esse contato. Nesse tipo de demanda, portanto, o sujeito abre-se para o desconhecido, entrega-se para o devir. Embora haja um conhecimento prévio do sujeito que receberá, ou por quem será recebido, o espaço para a entrega é maior, há maior abertura para esse desconhecido, já que o sujeito é o cerne ter o sujeito como cerne da experiência e há disposição para a reciprocidade. O segundo tipo de turismo é o de demanda intrínseca, “categoria que está associada à expectativa de prazer e/ou de obtenção satisfação de necessidades/desejos pessoais e, em princípio, previamente estabelecidos” (Perazzolo, Ferreira & Santos, 2016, p.6). Essa categoria relaciona-se, no CS, aos usuários da rede que utilizam os filtros para selecionar seus hóspedes ou expressam em seus descritivos ter algum interesse pessoal prévio na rede como: aprender algum idioma que esteja estudando, ou buscar pessoas semelhantes e com interesses parecidos. Nesse tipo de demanda, o padrão de acolhimento que

predomina, conforme as pesquisadoras, é o instrumental, em que as pessoas são consideradas ferramentas para a “realização de satisfações a serem obtidas” (p.8).

A tendência de haver um enfraquecimento do potencial para o encontro é maior, já que os sujeitos estão centrados em seus desejos precípuos. Porém, como anfitriões e hóspedes poderão ter maior contato diário, é possível que essa relação possa transformar-se, e os sujeitos abrirem-se para o encontro, para o acolhimento. Ainda, em relação às demandas intrínsecas, anfitriões têm reportado na rede um aumento significativo de solicitações de hospedagem, apontadas em boa parte dos casos como ‘usuários mais recentes’, que buscavam utilizar o couchsurfing tendo como finalidade economizar em suas viagens, ou ter um local para passar a noite quando de passagem por alguma cidade. Nessa perspectiva, o padrão para acolhida é o instrumental e há menores chances de que outras relações e, portanto, de que aprendizagens, sejam efetuadas.

Apesar desses casos, que contrariam os propósitos da rede, não são identificadas demandas extrínsecas até o momento, já que elas são entendidas como “categoria que explicita os deslocamentos efetivados para o cumprimento de tarefas, ou seja, caracterizaria situação na qual o sujeito se desloca para desenvolver atividades determinadas por contextos externos a suas demandas pessoais” (Perazzolo et al, 2016, p. 6). No padrão de acolhimento, haveria uma ausência de disposição para o outro, identificado, por essa natureza, como padrão alienador. Os embaixadores, selecionados pelos idealizadores da rede, são pessoas muito importantes dentro das dinâmicas de acolhimento, por serem os responsáveis pela divulgação dos princípios e da missão da rede e, de certa forma, personificam-nos.

O programa CS Ambassador é um grupo de couchsurfers que exemplificam nossos Valores Essenciais na maneira como vivem e compartilham suas vidas. Eles estão espalhados por todo o mundo [...] são extremamente ativos em suas comunidades, hospedando surfistas, planejando eventos e participando de reuniões. Eles entendem e respeitam nossas diretrizes e termos de uso da comunidade, estão comprometidos em manter a comunidade local do Couchsurfing ativa e acolhedora para todos, e adoram compartilhar sua cultura com moradores e viajantes. Eles estão aqui para ajudá-lo a descobrir o Couchsurfing, responder a perguntas que você possa ter e manter viva uma comunidade vibrante do couchsurfing em suas cidades (Couchsurfing, 2021).

Em pesquisa realizada junto a esse grupo<sup>i</sup>, a fim de compreender a motivação para o ingresso no CS, para a hospitalidade e para a hospedagem, os resultados obtidos aproximam esse grupo ao tipo de demanda livre e acolhimento dinâmico-relacional, porém já se observam

deslizaamentos que concorrem para a existência [mesmo no grupo de embaixadores] de demandas do tipo intrínseca, cuja disposição para o acolhimento tende a voltar-se para o instrumental. Quando solicitados sobre o motivo de ingresso na rede, a grande maioria aponta para o desejo de fazer amigos, conviver com outras pessoas, conectar-se com outras culturas. Mas já se registram demandas intrínsecas como aprender um idioma, ou conhecer atrativos de uma cidade, como exemplificativo o extrato de um embaixador “que mandam um ótimo pedido, que são de algum país que tenho interesse ou que falem uma língua que esteja estudando” (3). Embora não se possa associar de forma tão direta à demanda intrínseca, falas como “Após um tempo você percebe os tipos de viajantes com os quais você se dá melhor e passa a selecionar”(E1; E5) ou “Eu busco me conectar a pessoas que têm interesses e/ou afinidades semelhantes aos meus”(E6), são reveladoras de uma dissonância que parece se materializar entre a missão do CS que consiste em compartilhar vidas com pessoas que encontram, ou seja, a missão parece apontar para o acaso do encontro, porém, os embaixadores já parecem buscar, nos perfis, aqueles que mais se assemelham a si próprios. O estranhamento, que parecia ser um diferencial no CS, parece não encontrar guarida junto àqueles [embaixadores] que buscam, entre os estranhos, os menos estranhos, ou, então, aqueles que são mais iguais a si. O lugar para aprendizagens, para o exercício da alteridade parece menor, já que, nas aprendizagens, se iguais somos, pouco ou quase nada abdicaremos de nossas certezas. Há, no convívio entre iguais, talvez menos dilemas e igualmente menor abertura para o outro diferente de nós.

Já, quando solicitados a definir hospitalidade, considerando a rede CS, os embaixadores trazem termos referenciados tanto na missão quanto nos princípios, reforçando, dessa forma, o discurso institucional e o ethos do CS. O entrevistado E5 caracteriza muito bem o tipo de hospitalidade “é bastante natural, desde que você procure estabelecer uma relação de interesse em conhecer e interagir com a pessoa que vai te hospedar”. Ou seja, há a previsão de um estabelecimento genuíno de relacionamento, voltando-se, portanto, para um padrão dinâmico-relacional de acolhimento. Termos com ‘fazer amigos’, ‘compartilhar’ e ‘experimentar’ também foram referidos.

Geralmente, os embaixadores que associam a hospitalidade na rede ao fazer amigos e compartilhar momentos, são os mesmos que apresentam motivações para receber atreladas ao compartilhamento, fazer amigos e apresentar a cidade. Porém, é nesse entrecruzamento de respostas que alguns deslizaamentos, contradições são identificados, sendo reveladores do

caráter fluido das relações. Por exemplo, o mesmo sujeito que sustenta que o CS promove trocas culturais e que a hospitalidade na rede é de confiança, é o mesmo sujeito que seleciona os seus hóspedes a partir de seus próprios interesses [dele, anfitrião]. Igualmente chama a atenção a incidência da palavra 'troca': "ter contato com a cultura deles e mostrar a minha" (E3); troca cultural "é ser bem recebido e acolhido [...] devolvendo a gentileza recebida a outro couchsurfer" (E1). Essas observações são reveladoras de pequenas contradições ou paradoxos que parecem habitar o espaço da hospitalidade na rede CS. Não chegam a ser movimentos de maior hostilidade, mas promovem fissuras na dinâmica da própria rede, revelando que a natureza de acolher ao outro, assim como já reportado no mito, não parece ser tão natural no próprio ser humano.

Por fim, como último apontamento de mais uma contradição observada nas práticas sociais atinentes ao CS, há de se destacar o movimento realizado pelos idealizadores em 2020 que passaram a cobrar de seus membros, uma contribuição para a manutenção do perfil cadastrado na rede. Em 14 de maio de 2020, a comunidade de usuários do couchsurfing foi surpreendida com a informação exibida na página inicial do site oficial da rede: "Devido ao impacto da Covid-19, precisamos de sua ajuda urgente para que o Couchsurfing continue funcionando". Logo abaixo, passaram a constar duas opções de pagamento, uma mensal de R\$5,90 e a outra opção de pacote anual por R\$43,90. A principal justificativa apresentada aos usuários do couchsurfing foi a seguinte: "Nós, membros do Couchsurfing, acreditamos em algo que vai além de dinheiro, de bens e de status. Foi mais de 14 anos para a comunidade do Couchsurfing se desenvolver. Agora, sem a sua ajuda urgente, nossa comunidade deixará de existir para sempre" (Couchsurfing, 2021).

Para justificar tal cobrança, os organizadores da rede alegaram que, devido aos desafios provocados pela pandemia da Covid-19, o CS estaria enfrentando dificuldades e que em breve não conseguiria cumprir com suas obrigações financeiras. "É uma decisão muito difícil e a consideramos como a nossa última alternativa" (Couchsurfing, 2021). Porém, não só o fato da cobrança gerou indignação, mas igualmente a impossibilidade de os usuários acessarem seus próprios dados no site, já que o mesmo ficou bloqueado para os não pagantes. E, talvez, o pior dessa prática tenha sido não avisar ninguém sobre as alterações que a plataforma iria sofrer. Para quem institucionalmente defende a hospitalidade e marca na sua rede o desejo de uma

vida melhor, com conexões, essa ausência de diálogo, de comunicação não combina com os princípios da rede que é o de manter conexões e de fazer pontes.

Fato é que a mudança não foi bem recebida junto aos membros da rede que se manifestaram. Tanto que novo texto foi publicado no dia 20 de maio de 2020. Nele, os idealizadores se desculparam pelas ações feitas à revelia e procuram se justificar do porquê terem proposto a taxa para acesso ao cadastro. O ocorrido foi um gesto de inospitalidade para com as 14 milhões de pessoas que fazem parte da rede. Pedidos de desculpas foram apresentados: “olhando para trás, não informá-lo de uma mudança tão drástica foi um erro”. (Couchsurfing, 2021). Anexado a esse pedido, uma série de perguntas e respostas, buscando informar aos usuários o porquê das mudanças. Alguns surfers aceitaram pagar, inclusive trazendo como justificativa à perspectiva maussiana do dar-receber-retribuir: para muitos, o CS deu a eles muitos momentos e experiências, portanto, nada mais justo do que retribuir, auxiliando com o pagamento da anuidade. Outros usuários buscaram, pelas postagens, apresentar novas sugestões para a capitalização da rede. O fato é que para um site que promove conexão entre os usuários, que defende o compartilhamento de experiências, a forma de lidar com a situação apresentada não combina com os próprios princípios expressos.

Como benefícios adicionais, a partir do pagamento da contribuição, listam-se (a) os usuários passarão a ter alguns benefícios no uso da rede como envio de mensagens e solicitações de sofás ilimitadas; (b) a retirada de publicidade externa, tanto no site quanto nos aplicativos móveis; (c) a redução do custo para validação dos perfis; (d) a promessa de que continuarão a ser feitos investimentos no site e (e) o desenvolvimento de diversos recursos solicitados pela comunidade. A proposta de implementação de vantagens para o pagamento de uma mensalidade assemelha-se aos pacotes ‘premiums’ presentes em muitas plataformas digitais, não fosse o fato de que não haverá nenhum tipo de acesso ao site para aqueles que não realizarem o pagamento solicitado. Esse passa, portanto, a ser mais um dos pontos de tensão criados pela implantação da nova política de funcionamento da rede, já que alguns usuários apontam que com mais de dez anos de permanência na rede, seus dados foram bloqueados sem aviso prévio e o perfil com imagens e todas as informações só serão desbloqueados mediante pagamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Reflexões, estudos e pesquisas, cujas temáticas voltam-se para a hospitalidade, em suas diferentes abordagens e dimensões, são cada vez mais frequentes e necessários, já que a hospitalidade é um dos grandes temas da nossa época. Trazer à pauta aproximações entre hospitalidade e Couchsurfing, nesse sentido, implica, de certa forma, olhar para a organização da rede e das dinâmicas [práticas sociais] que nela ocorrem. A rede Couchsurfing conta com mais de 12 milhões de usuários, que compartilham certos valores e princípios, abrindo suas casas em um claro acolhimento ao outro.

Numa primeira leitura, essa abertura parece incondicional, mas não é assim que se configura. Esse outro não é alguém tão estranho/estrangeiro, porque há toda uma dinâmica para solicitar 'um sofá'. Filtros podem ser aplicados para selecionar o tipo de pessoa para quem eu abro a minha casa. Há, portanto, exclusões feitas - e elas ocorrem tanto em nome da segurança quanto em nome de gostos ou de demandas individuais. Ou seja, mesmo que histórias, lugares e sofás sejam compartilhados, há de se aprofundar discussões sobre a maneira como esses mesmos sujeitos se posicionam em relação a seus desejos. Isso porque, embora na rede ainda haja predominância de demandas livres que remetam a dinâmicas relacionais de acolhimento, em que anfitrião e hóspede dispõem-se de certas prévias e, na relação, aprendem e se modificam. Porém, mesmo em uma rede que, pelo ethos institucional incentiva esse tipo de encontro, já se observam fissuras, como embaixadores que, embora representem a missão e princípios da rede, escolhem seus hóspedes ou são hospedados levando em consideração suas demandas intrínsecas, ou seja, querem aperfeiçoar o conhecimento de uma outra língua, querem conhecer X cidade [e não necessariamente serem recebidos na casa/morada de um outro].

A imagem que a rede apresenta de si, via discurso, é a de uma oferta incondicional de acolhimento, porém, nas diferentes conceituações que estão disponibilizadas no próprio site, é possível identificar alternâncias entre diferentes viéses de hospitalidade: em alguns conceitos, tende à hospitalidade comercial, por apresenta-se como um serviço, por exemplo; em outros, aponta para a busca do incondicional. Refletir sobre a rede, a partir de aportes teóricos da hospitalidade promovem novos olhares para o Couchsurfing, contribuindo para o entendimento das dinâmicas que na rede ocorrem.

## REFERÊNCIAS

Amossy, R. (2008). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto.

- Baptista, I. (2005). Para uma geografia de proximidade humana. *Revista Hospitalidade*, 2(2), 11-22. [Link](#)
- Bakhtin, M. (1986). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Couchsurfing. (2001). [Link](#)
- Cunha, A. G. (2012). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. [recurso eletrônico]. 4ed. Rio de Janeiro, Lexikon.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Dicionário on-line de Língua Portuguesa. (2021). [Link](#)
- Eggs, E. (2008). Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: R. Amossy. (org), *Imagens de si no discurso* (pp. 29-44). São Paulo: Contexto.
- Figueiredo, A. F. A. de. (2018). *Sobre buscas e sentidos em uma rede mundial de viajantes: The Couchsurfing Project*. Dissertação, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. [Link](#)
- Kant, I. (1989). *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: 70.
- Lipovetsky, G. (2005). *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole.
- Lévinas, E. (1980). *Totalidade e infinito*. Lisboa: 70.
- Mangueneau, D. (2008). A propósito do ethos. In: A. R. Motta, & L. Salgado. (orgs.), *Ethos Discursivo* (pp. 11-32). São Paulo: Contexto. [Link](#)
- Moreira, M. A. N., & Gomes, C. L. (2018). A hospitalidade na rede social *Couchsurfing*: Cruzando a soleira virtual em Jaguarão, no extremo Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12(2), 1-24. [Link](#)
- Perazzolo, O. A., Santos, M. M. C., & Pereira, S. (2013). Dimensión relacional de la acogida. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 22, 138-153. [Link](#)
- Perazzolo, O. A., Ferreira, L. T., Santos, M. M. C., & Zerger, E. (2016). Relações de hospitalidade no entrecruzamento das dimensões 'sincronia' e 'simetria' no contexto do Turismo. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 8(4), 538-554. [Link](#)
- Perazzolo, O. A., Santos, M. M. C., & Pereira, S. (2014). Sincronia e Simetria: proposições tipológicas para o acolhimento. *Anais... XI Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Natal, RN.

Silva, G. G., Ferreira, L. T. & Perazzolo, O. A. (2022). Hospitalidade e couchsurfing: por onde surfam anfitriões e hóspedes? **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 14(2), 451-469.  
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p469>

Perazzolo, O. A., Santos, M. M. C., & Ferreira, L. T. (2016). Turismo e o acolhimento do desejo na construção da hospitalidade. *Anais... XIII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. [Link](#)

Schwartz, F. (2020). *A economia compartilhada e o novo conceito de fornecedor fiduciário nas relações de compra*. Rio de Janeiro: Processo.

Silva, G. G. (2020). *Um sofá por vez: aproximações entre a voz institucional da rede couchsurfing e concepções teóricas de hospitalidade*. Dissertação, Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Brasil. [Link](#)

---

#### NOTAS

<sup>i</sup> Os dados disponibilizados foram coletados em 2020, para a realização de pesquisa de Dissertação de Mestrado de Gabriel Godoy da Silva “Um sofá por vez: aproximações entre a voz institucional da rede couchsurfing e concepções teóricas de hospitalidade” (2020).

#### PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 16 NOV 21 Aceito: 9 FEV 22